

JOSÉ EDUARDO AGUALUSA

MESTRE DOS BATUQUES



TUSQUETS
EDITORES

PREÇO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

JOSÉ EDUARDO
AGUALUSA

MESTRE DOS
BATUQUES

(ROMANCE)

Copyright © José Eduardo Agualusa, 2024
Publicado em acordo com Agência Literária Mertin, Nicole Witt – Literarische
Agentur Mertin Inh. Nicole Witt e.K. Frankfurt am Main, Alemanha.
Copyright da capa original © Quetzal Editores, 2024
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2024
Todos os direitos reservados.
Título original: *Mestre dos Batuques*

Preparação: Mateus Duque Erthal
Revisão: Marina Castro e Carmen T. S. Costa
Projeto gráfico: Jussara Fino
Diagramação: Márcia Matos
Capa da edição Tusquets: adaptada do projeto gráfico original de Compañía
Ilustração e design da capa original: Rui Rodrigues

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Agualusa, José Eduardo
Mestre dos Batuques / José Eduardo Agualusa. - São Paulo: Planeta
do Brasil, 2024.
224 p.
ISBN 978-85-422-2881-6
1. Ficção angolana I. Título
24-4243

CDD A869.3

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção angolana



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

1

Primeiro viram a andua, estendida, como um erro magnífico, na lama vermelha. As penas, muito verdes, reluziam no silêncio úmido daquela manhã de janeiro de 1902. Um dos soldados, Nande, um cuanhama alto, sólido como um imbondeiro, ajoelhou-se junto à ave:

— Não tem ferida nenhuma, meu alferes...

Luís Gomes Mambo juntou-se ao soldado, curioso:

— Então morreu de doença?!...

O jovem sacudiu os ombros, num espanto mudo. Alguns metros adiante encontraram mais aves mortas. Logo depois, uma pequena gazela. A montanha Halavala despontava acima do nevoeiro, como uma ilha flutuante, quando, numa curva do caminho, avistaram um acampamento militar. Era, tinha de ser, o pelotão do sargento Pedro Amado. O alferes Luís Mambo recebera instruções para se reunir ao sargento, ali mesmo, a uns dez quilômetros da mítica montanha. Marchariam depois, todos juntos, os madeirenses e os bôeres de Pedro Amado, e os landins, cuamatos, cuanhamas e damaras do cabindense Luís Mambo, até as terras de um comerciante português, Silvestre Souto da Mata, por alcunha O Pasmado, cujas lojas haviam sido atacadas e pilhadas por guerreiros de Mutu-ya-Kevela, o rei do Bailundo.

Luís Mambo endireitou-se. Era um pouco mais baixo que Nande, e quase da mesma idade, mas andava sempre tão aprumado que parecia mais alto, e sempre tão ensimesmado que todos o julgavam muito mais velho. O alferes intuiu a tragédia antes mesmo de avistar os primeiros corpos:

— O silêncio mexeu-me com os nervos — explicou, três meses mais tarde, ao tenente Jan Pinto. — Não se escutava o zumbido de um inseto, o piar de um pássaro. Era de manhã muito cedo, e o ar estava frio e pesado, como num óbito. Gosto de acordar de madrugada, no Planalto, e de entrar no mato para ouvir os pássaros. Parece que o universo está a nascer, diante de nós. O senhor sabe a que me refiro... Naquela manhã senti o contrário...

Encontraram vinte e cinco cadáveres. A maioria não apresentava nenhum corte de lâmina, buraco de bala, hematomas ou contusões. Alguns soldados estavam deitados em posição fetal, com os olhos abertos e o rosto congelado numa expressão de infinita tristeza. Um deles cavara um buraco e enterrara a cabeça. Quatro haviam disparado contra o coração. Dois tinham cortado os pulsos. O sargento Pedro Amado prendera a espingarda entre duas pedras, e depois deixara-se cair sobre o gume afiado da baioneta.

Incapaz de compreender o que sucedera, Luís Gomes Mambo foi de corpo em corpo, tentando controlar a ansiedade e o terror, e forçando-se a estudá-los.

Quem iria acreditar naquilo?

Lembrou-se então de fotografar os cadáveres. Dirigiu-se ao carro bóer, puxado por três juntas de bois, e do interior da sua maleta de campanha retirou a máquina fotográfica, uma Pocket Kodak, que ganhara, dois anos antes, em Luanda, na sequência de uma estranha aposta com um viajante inglês. A câmara, quadrada, forrada a couro vermelho, era de manejo muito fácil: “Um autêntico revólver fotográfico!” — definira o inglês, e tinha razão. Luís Mambo fez uma dúzia de disparos, diante dos olhares atônitos dos seus soldados, e depois voltou a guardá-la.

2

O tenente Jan Pinto examinou as fotografias, uma a uma, atravessado por uma poderosa torrente de emoções: medo, angústia, uma imensa curiosidade. Finalmente, com os dedos trêmulos, devolveu os cartões ao general João Crisóstomo, Ministro da Guerra, o qual os guardou num largo envelope, que escondeu na gaveta da sua secretária, enquanto cravava no jovem uns olhos ferozes e trocistas:

— Assustei-o, tenente?...

O jovem tenente endireitou-se:

— Nunca tinha visto nada assim, excelência. Quem fez essas fotografias?

— Nunca tinha visto um morto?!

Jan Pinto corou. Na tarde anterior, um ajudante de campo do Ministro da Guerra interrompera a sua aula de esgrima para lhe entregar uma breve mensagem — “Venha amanhã de manhã ao meu gabinete”. Assinava a mensagem — um simples papel dobrado em quatro, sem lacre nem timbre — o general João Crisóstomo, Ministro da Guerra. O jovem mal dormira, nervoso, incapaz de compreender o interesse do ministro por alguém como ele. Não, nunca encarara um morto. Também nunca participara em nenhuma ação militar.

— Diga-me lá o que vê nestas fotografias. — A voz do Ministro da Guerra mudara para um tom um pouco mais ameno. Os olhos, de um azul metálico, já não fixavam o tenente com troça, mas com aguda curiosidade. — O que mais o impressiona?

— A expressão no rosto dos mortos — murmurou Jan Pinto. — Aquela horrível tristeza...

O general João Crisóstomo levantou-se:

— Sabe o que eu vejo? Vejo vinte e cinco soldados brancos, todos mortos... Mortos de forma inexplicável. A maioria não tinha nenhum ferimento no corpo...

— Nenhum ferimento?!

— Não faz sentido, bem sei, mas é como lhe estou a dizer. Nenhum ferimento! E acreditamos que os outros, os que apresentavam ferimentos, se suicidaram.

(Naquela época, em Angola, as tropas coloniais recorriam a companhias de soldados europeus, que incluíam não apenas portugueses, mas também bôeres. Havia depois as companhias de soldados negros, provenientes não só de diversas regiões de Angola, mas também de Moçambique e até da Guiné-Bissau. As companhias africanas foram fundamentais no combate a vários reinos locais. Em plena elaboração do chamado darwinismo social, é interessante notar que muitos intelectuais portugueses, ainda que imbuídos do espírito racista do seu tempo, reconheciam o valor dos soldados africanos. Leia-se o que escreveu Sebastião José Pereira, em Quarenta e cinco dias em Angola — apontamentos de viagem, publicado em 1862: “A superioridade do soldado preto sobre o branco torna-se bem notável todas as vezes que há qualquer marcha para o interior: os brancos são os primeiros que se cansam, os que mais sofrem com a falta de água, e quando chegam a algum ponto em que o mato os obriga a parar, são sempre os empacaceiros que passam para a frente a abrir-lhes caminho”.)

João Crisóstomo contornara a secretária e estava agora diante do jovem oficial. O rapaz também se levantara, confuso e atrapalhado, olhando nervosamente para a ponta dos sapatos. O general avaliou-o em silêncio, enquanto puxava e repuxava a comprida barbicha branca.

— Disseram-me que o tenente fala a língua dos bailundos...

— Sim, e também compreendo a língua de Luanda, o quimbundo...

— Muito bem, muito bem. Soube que estudou em Paris...

— Sim senhor, antropologia...

— Antropologia... Isso mesmo... Disseram-me que há alguns meses o tenente discursou na Sociedade de Geografia de Lisboa... Alguma coisa a ver com a filosofia dos negros, segundo compreendi...

— Sobre a história do Reino do Bailundo, sim, e o pensamento...

O general fez um gesto seco, enfiado, como se tentasse sacudir um mosquito alojado no espírito. O tenente compreendeu logo. O mosquito era uma ideia. A mesma que ele próprio se atvera a defender na Sociedade de Geografia. O tenente Jan Pinto entendia que para melhor colonizar África, os portugueses deviam esforçar-se por compreender as línguas e costumes dos africanos. Outros ilustres colonialistas tinham defendido o mesmo antes dele. O jovem, contudo, ia muito além. Acreditava que o estudo da história dos povos indígenas, e do seu pensamento, poderia ajudar a humanidade inteira no seu caminho para o progresso e a civilização.

— A que história se refere vossa excelência? — atirou-lhe um respeitado historiador, com a voz tremendo de cólera e de desdém, mal o jovem concluiu o seu discurso. — A História de África começa com a chegada dos primeiros europeus. Os gentios de África, povos embrionários, embrutecidos pelo seu próprio modo de ser, nunca tiveram escrita, e, assim, não possuem nem pensamento, nem memória!

O Ministro da Guerra tossiu, trazendo o seu interlocutor de regresso ao presente.

— Vou enviá-lo a Angola numa missão sigilosa — disse, baixando a voz. — Embarcará no próximo navio para a sua terra... Porque Angola é a sua terra, não é assim? Embora, sinceramente, você pareça mais sueco ou holandês do que africano... Aguardando por si, em Luanda, estará o alferes de segunda linha Luís Gomes Mambo. Foi ele quem fez aquelas fotografias... Aliás, também quero informações detalhadas sobre essa figura, quero saber tudo, a começar pela raridade de um preto que se interessa pela arte da fotografia... O senhor e o alferes irão até o Bailundo apurar o que se passou... Aquele não foi o primeiro incidente...

Jan Pinto sentiu uma tontura:

— Houve outras mortes?

— Sim, e isso não se pode saber. O nosso domínio em África assenta inteiramente num logro ingênuo. Os africanos acreditam que somos fortes, que somos poderosos, que somos invencíveis.

— E não somos?

O general João Crisóstomo sacudiu a cabeça, numa gargalhada triste. Encarou o tenente com um misto de ironia e de compadecimento:

— Não, meu bom rapaz. Somos um país tão minúsculo que mais parece um quintal do Reino de Espanha, e tão sem recursos quanto um cônego de aldeia. Um país habitado por campônios que não sabem ler nem escrever, e governado por uma gente fraca e imprestável, quase tão analfabeta quanto aquela a quem supostamente governa. Em resumo, uma choldra! Como escreveu um jornalista da nossa praça, isto nem é uma existência, é uma expiação.

O tenente Jan Pinto olhou para o Ministro da Guerra com uma tal perplexidade que este, uma vez mais, se compadeceu dele. Deu-lhe uma pancadinha no ombro, como se o rapaz fosse um companheiro de caserna. Aprumou-se. Engrossou a voz:

— Se os africanos descobrem que os nossos soldados estão a ser mortos de forma misteriosa, e sem sequer terem oferecido resistência... Mortos, sei lá eu, por algum veneno inventado pelos ingleses, ou pior, por algum encantamento, um feitiço indígena, Portugal perde todo o prestígio. E se perdermos o prestígio entre os africanos, estamos condenados. Em poucos dias veremos multiplicarem-se as insurreições, os ataques a comerciantes brancos e a postos militares. Sairemos de África escorraçados a pontapé, a pedrada e a paulada, com o rabo entre as pernas, para alegria dos malditos ingleses. A bem dizer, o destino do Império depende do senhor.

— O que devo fazer, meu general?

— Em primeiro lugar, irá recolher todas as informações disponíveis. Falará com os sobreviventes...

— Alguém sobreviveu?

— Sim, num ataque anterior. Um tenente sobreviveu. Está preso, isolado, na Fortaleza de São Miguel. Interrogue-o. Partirá depois, com o alferes Luís Gomes Mambo e mais dois ou três homens escolhidos por ele, numa expedição discreta, tão discreta quanto possível, para o Bailundo e Bié. Irão à civil. Você, com o pretexto de visitar o senhor seu pai, João Pinto, um homem valente, íntegro, um português à moda antiga. Use os seus conhecimentos da língua local, e do comportamento dos indígenas, para esclarecer todo este mistério. Quero respostas, antes que seja demasiado tarde.

3

No seu último dia em Lisboa, o tenente Jan Pinto foi comprar livros. Saiu da loja da Bertrand com uma coleção de contos de Machado de Assis, *Páginas Recolhidas*, e os romances *Deux Ans de Vacance*, de Júlio Verne, e *A Relíquia*, de Eça de Queirós. Sentou-se depois num café da moda, no Chiado, bebendo chá e folheando, distraído, o novo romance de Eça.

A ansiedade impedia-o de se concentrar. Pensava nas palavras do Ministro da Guerra, referindo-se ao seu pai: “um homem valente, íntegro, um português à moda antiga”. João Pinto era corajoso, sem dúvida. Talvez fosse também um português à moda antiga, mesmo muito antiga, de um tempo em que os portugueses ainda eram todos visigodos, antes dos árabes terem trazido para a Península Ibérica a poesia, a matemática, o amor pela música, pelas artes e pelo vinho — enfim, um perfume de civilização. Íntegro é que não. João Pinto fora condenado a degredo perpétuo em Angola, acusado de comandar uma tropa de rufias, que se dedicavam a assaltar os viajantes ricos, ao crepúsculo, nas apertadas solidões de Trás-os-Montes. No Reino do Bailundo, onde mandara erguer uma casa de pau a pique, para lhe servir de loja, de armazém e de habitação, continuara a roubar, trocando missangas, sal, aguardente adulterada, panos ruins e péssima pólvora por bom marfim, cera, mel, borracha, goma copal e até pessoas.

(Foi o meu pai, Mateus Van-Dunem Pinto, filho de Lucrecia Van-Dunem e de Jan Pinto, engenheiro agrônomo, formado pelo Instituto

Superior de Agronomia, em Lisboa, quem me falou pela primeira vez na goma copal. Creio que nos nossos dias já ninguém sabe o que era a goma copal. Vale a pena, pois, citar um texto do Jornal de Ciências Matemáticas, Físicas e Naturais, vol. 4, de 1873, no qual se esclarece, ou escurece, a misteriosa natureza e origem deste produto: “A goma copal, valioso objeto do comércio africano, tem sido na ciência objeto de dúvidas quanto à sua origem. De ser produto vegetal nenhuma podia existir, indicando-o sobejamente a sua natureza. Restava, porém, determinar que espécies vegetais a forneciam, e é o que as investigações até hoje não haviam determinado suficientemente. Ao Dr. Welwitsch, percorrendo extensas regiões das que abundam neste gênero de produtos, mal podia escapar a ocasião de estudar a questão, que ele tratou efetivamente, depois desse estudo, no volume XIX do Journal of Botany. Começou por traçar a distribuição geográfica da goma copal em Angola. Trata do modo como é colhida; descreve-lhe as variedades, branca, vermelha e amarela, por que aparece no comércio; diz-nos do desenvolvimento que este tem tomado e promete ter em relação a semelhante droga, cuja exportação chegou a ser de um milhão de quilos por ano; e por fim cuida de resolver a questão da origem deste produto. O exame de todos os fatos, aos quais se tem recorrido para achar essa origem nas espécies vegetais atualmente existentes, longe de conduzir a reconhecer semelhante procedência, o fez antes persuadir ser ela outra, o pertencer semelhante origem a época geológica anterior à atual, ter o produto natureza verdadeiramente fóssil. A goma copal será assim na África o que o âmbar amarelo é na Europa, opinião por certo a mais provável”. Muitos anos após o falecimento do meu pai, descobri que a goma copal era conhecida pelas populações do interior de Angola como mococoto. Até hoje não sei de que se trata. Agrada-me partilhar esta ignorância com vocês, queridos leitores deste meu testemunho, romance familiar ou confissão, como preferirem.)

Enfim, João Pinto prosperara. Multiplicara as lojas e enriquecera ainda mais. Já velho, durante uma jornada pela Humpata, conhecera uma moça bóer, loira, tímida e devota, e tão rústica quanto ele próprio, mas muito pobre, comprando-a aos pais por meia dúzia de libras esterlinas e um grosso fardo de fazendas. Infelizmente, a mulher morrera no

parto, deixando-lhe nas mãos um bebê do sexo masculino, ao qual, a pedido da mãe, o velho dera o nome de Jan.

João Pinto já tinha sete filhos, de diversas mulheres da região, os quais empregou nas suas lojas. Jan teve um destino diferente. Quando completou doze anos o pai internou-o no Real Colégio Militar, em Lisboa, de onde transitou para a Escola do Exército, sempre com excelente aproveitamento.

Durante todos esses anos, Jan foi recebendo uma generosa mesada do velho. Nunca lhe faltou nada. Os filhos dos burgueses queriam ser seus amigos. Os filhos da aristocracia decadente troçavam dele. Todos o invejavam, não só por o saberem rico, mas sobretudo porque o rapaz herdara da mãe a figura alta e harmoniosa, a tez clara e o cabelo muito louro, distinguindo-se dos colegas metropolitanos como uma girafa entre facocheros.

*

“Em 1875, nas vésperas de Santo Antônio, uma desilusão de incomparável amargura abalou o meu ser; por esse tempo minha tia, Dona Patrocínio das Neves, mandou-me do Campo de Santana, onde morávamos, em romagem a Jerusalém.” Jan já lera a mesma frase cinco vezes, perdendo-se de todas em pensamentos vãos, quando viu entrar no café duas mulheres africanas: uma senhora já de certa idade, na companhia de uma moça esguia, vestindo uma saia dividida, como as que se usavam então para andar de bicicleta, e uma blusa azul, com uma gola alta, rendada, muito branca, que realçava o pescoço longo e fino. Na cabeça trazia um pequeno chapéu de plumas, em tons semelhantes ao da blusa. A mulher mais velha, trajando os panos característicos das bessanganas de Luanda, ajudou a mais nova a sentar-se, só depois ocupando a sua cadeira. Falavam em quimbundo entre si, numa voz baixa e mansa, alheias ao minúsculo escândalo que a sua presença levantara.

Jan sorriu, divertido. Falavam dele.

— Que homem bonito — dizia a bessangana. — Certamente não é português.

— Está a ler um livro em português. Um romance do meu escritor preferido, o Eça de Queirós. Português ou não, já gostei dele.

Jan chamou o empregado. Estendeu-lhe uma nota grande.

— É para pagar o meu chá e o daquelas senhoras. Fique com o troco — murmurou, enquanto o homem se desfazia num esplendoroso sorriso. Depois se levantou, e, ao passar diante da mesa onde as duas luandenses se haviam sentado, tirou o chapéu, curvando-se numa breve vênica, enquanto dizia num quimbundo quase perfeito:

— Uma boa tarde, minhas senhoras, aproveitem o belo verão de Lisboa.

Saiu para a rua, morto de riso.

TUSQUETS
EDITORES